



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ  
CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**



**MARIA ANDRESSA MARQUES DE BRITO**

**ESPAÇOS COTIDIANOS: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE AS  
VIVÊNCIAS NA COMUNIDADE LAGOA DO CAMELO EM LUÍS  
CORREIA – PI**

Parnaíba - PI  
2021

MARIA ANDRESSA MARQUES DE BRITO

**ESPAÇOS COTIDIANOS: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE AS  
VIVÊNCIAS NA COMUNIDADE LAGOA DO CAMELO EM LUÍS  
CORREIA – PI**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Piauí, *Campus* Professor Alexandre Alves de Oliveira, em Parnaíba-PI, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Clódson dos Santos Silva.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Nazaré e Marcos que nas suas funções como educadores e pais, sempre incentivaram a mim e meus irmãos a buscar uma formação acadêmica.

Aos meus amigos de curso, Ana Luiza e Manoel Lucas, nós nos acolhemos desde o início e formamos um trio maravilhoso que enfrentava trabalhos, eventos, momentos de alegria e os perrengues também, meu muito obrigada a vocês pela parceria e amizade.

Também agradeço carinhosamente a minha amiga de curso, Mariane Bessa que nas últimas semanas de redação desse trabalho foi a peça fundamental para que eu pudesse concluí-lo, muito obrigada meu anjo.

Agradeço imensamente meu namorado, Fernando Sales que sempre esteve presente nas calmarias e nas tempestades, nunca sequer soltou minha mão, me incentivando a todo instante – Muito obrigada meu amor.

Ao meu orientador Prof. Dr. Clódson dos Santos Silva, pelo excelente trabalho como orientador e professor, sempre disposto nas orientações e que nunca soltou minha mão nesse percurso de produção. Saiba que admiro o profissional que o senhor é, que me inspira para exercer minha profissão com nobreza.

Aos meus professores Jonas Henrique, Lourdes Karoline, Sâmara Vanessa, pelo aprendizado que proporcionaram a mim, marcando positivamente meu percurso como acadêmica.

Meu agradecimento especial, terno e carinhoso vai para todas as versões de mim que ao longo da vida nunca deixaram de acreditar no poder da educação, me fazendo chegar até aqui.

E a todos que contribuíram diretamente e indiretamente o meu muitíssimo obrigada.

## **RESUMO**

O material que apresento é uma pesquisa etnográfica realizada na Comunidade Lagoa do Camelo, interior de Luís Correia. O foco da pesquisa reside na compreensão da lógica do meio rural como categoria sócio antropológica na construção das vivências familiares e das relações cotidianas. Para tal, foram realizadas entrevistas com um roteiro semiestruturado com alguns moradores da comunidade; como também a observação participante dos modos de se relacionar, falas, modos de trabalho e vivências. Apesar dos limites impostos pela pandemia, após a análise dos dados que obtive pude perceber como as relações familiares são estruturadas, o papel que os diferentes espaços sociais imprimem no cotidiano da Comunidade Lagoa do Camelo.

**Palavras-chave:** relações cotidianas, zona rural, espaços sociais.

## **SUMMARY**

The material I present is an ethnographic research carried out in the Lagoa do Camelo Community, in the interior of Luís Correia. The focus of the research lies in understanding the logic of the rural environment as a socio-anthropological category in the construction of family experiences and everyday relationships. To this end, interviews were conducted using a semi-structured script with some residents of the community; as well as participant observation of the ways of relating, speeches, ways of working and experiences. Despite the limits imposed by the pandemic, after analyzing the data I obtained, I could see how family relationships are structured, the role that different social spaces play in the daily life of the Lagoa do Camelo Community.

**Keywords:** everyday relationships, rural area, social spaces.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
<b>“UM LUGARZINHO NO MEIO DO NADA”</b> .....	<b>8</b>
<b>UM LAÇO QUE NÃO PODE SER DESFEITO</b> .....	<b>18</b>
<b>DE CHÃO A DENTRO</b> .....	<b>22</b>
<b>NA SAÚDE E NA DOENÇA: ALGUNS APONTAMENTOS FINAIS SOBRE ETNOGRAFIA NA COMUNIDADE LAGOA DO CAMELO EM TEMPOS DE PANDEMIA</b> .....	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>28</b>

# **Espaços cotidianos: notas etnográficas sobre as vivências na Comunidade Lagoa do Camelo em Luís Correia – PI**

Maria Andressa Marques de Brito<sup>1</sup>

## **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa etnográfica iniciada no ano de 2018 sobre a Comunidade Lagoa do Camelo, na zona rural de Luís Correia - PI. A pesquisa reside na compreensão da lógica dos espaços sociais do meio rural como categoria sócio antropológica na construção das vivências familiares e das relações cotidianas. Originalmente minha intenção com este trabalho era se debruçar sobre as formulações de família, especialmente no meio rural da Comunidade Lagoa do Camelo, bem como nas análises sobre as redes de parentesco que se misturam a vizinhança e moldam a apropriação dos espaços sociais. Contudo com a emergência da crise sanitária global da Covid-19, a pesquisa teve que tomar novos rumos visando a manutenção da minha integridade física, bem como a de meus coautores; visto que o coronavírus se apresenta de forma contagiosa e mortal.

Assim, considerando-se o contexto sanitário atual decidimos mudar o objeto e objetivos específicos da pesquisa. O estudo ainda se debruça sobre a Comunidade Lagoa do Camelo e suas relações familiares, tendo como enfoque a construção dessas relações de trabalho e sociabilidade dentro de alguns espaços sociais: lagoa, igreja, trabalho e família.

A construção desse trabalho se deu em dois momentos bem distintos: o primeiro momento antecede a pandemia; nele eu podia percorrer livremente na comunidade para levantamento de informações e observações, além de atuar como moradora, usufruindo de todos os ambientes disponíveis. O segundo percurso, foi o atual que até o momento da apresentação deste trabalho a pandemia de Covid-19 ainda seguia seu curso. Nesse novo cenário muitas mudanças foram feitas: a primeira

---

<sup>1</sup> Graduanda de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Piauí

delas foi a limitação da circulação, visto que os protocolos de saúde recomendam o isolamento, por conta disso as observações *in loco* também foram limitadas.

Para compreensão dos modos de sociabilidades da Comunidade Lagoa do Camelo aproveitei muitas entrevistas, observações, conversas informais que foram feitas antes da pandemia. Entretanto, outras tiveram que ser improvisadas durante este processo. Ao todo foram realizadas 9 entrevistas, com diferentes faixas etárias, além das Agentes Comunitárias de Saúde - ACS; as entrevistas foram através de questionário semiestruturado realizadas pessoalmente e online através de troca de mensagens de áudios pelo aplicativo WhatsApp. Essa nova forma de pesquisar o campo etnográfico se faz necessário adaptações para que sigam as recomendações dos órgãos de saúde sobre manter o distanciamento, considerando o cenário atual.

Todas as imagens presentes ao longo do trabalho foram tiradas por mim durante todo o percurso do trabalho, resalto ainda que algumas delas antecedem a pandemia e outras foram tiradas no ano de 2021, portanto em seu decorrer. O uso de imagens é destacado por Etienne Samain (1995), que põe em foco a antropologia visual e o uso da fotografia na construção de etnografias. A autora destaca particularmente a forma que o uso das fotografias foi empregado por Bronislaw Malinowski em seu texto *Argonautas do Pacífico Ocidental*.

Uma primeira coisa que nos chama a atenção é o uso crescente que Malinowski faz da fotografia. O texto dos *Argonautas* incorpora 65 pranchas (totalizando 75 fotografias). São 92 na *Vida Sexual dos Selvagens* e chegarão a 116 nos *Jardins de Coral*. Um total de 283 fotografias espalhadas ao longo das 1883 páginas dessas três obras complementares.

[...]

Tudo isso fica confirmado, novamente, pelos cuidados de Malinowski e de seu editor na inserção precisa das pranchas no corpo do livro. Nada de uma condensação de fotografias no final do livro, como se fosse uma parte anexa, um apêndice. Malinowski ordena com rigor suas pranchas dentro de seu texto, procurando uma simbiose máxima entre o que diz seu texto e o que sustenta visualmente o documento pictórico a que remete (SAMAIN 1995, p. 32-33).

Assim como Malinowski (1976) procurei adicionar as fotografias no corpo do texto, fazendo uma unidade entre texto e imagem, trazendo não somente uma mera ilustração do campo que usualmente são adicionadas nas notas dos textos. Acredito que essa maneira de utilização e contextualização da imagem proporciona um sentido mais amplo para a etnografia.

## “UM LUGARZINHO NO MEIO DO NADA”

A princípio fui buscar informações da comunidade no site do IBGE, porém quase nada foi encontrado a respeito. Recorri a outras fontes, foi aí que o papel das Agentes Comunitárias de Saúde – ACS foram essenciais ao longo da pesquisa, me fornecendo informações valiosas para o desfecho deste trabalho.

A comunidade Lagoa do Camelo, está localizada na zona rural do município de Luís Correia – PI, situa-se ao longo da BR 402, entre os quilômetros 91 a 94. Segundo as informações das ACS, a comunidade possui: 571 moradores, 188 famílias e 192 domicílios; destaca-se que a população é predominantemente jovem, tendo 397 habitantes na faixa etária de 0 a 40 anos (informações fornecidas no ano de 2021). A comunidade ainda possui: 1 estabelecimento de ensino; 1 creche que no momento encontra-se desativada; 1, cemitério; 1 casa de farinha que está desativada e abandonada; 1 Unidade Básica de Saúde – UBS; 3 igrejas, sendo duas católicas e 1 evangélica; 3 mercearias; 4 moageiras<sup>2</sup>, 4 bares e, uma quadra/praçã, está se localiza ao centro da comunidade, feita como uma quadra de futsal e em volta foram instalados bancos de praça, por um determinado tempo foi bastante utilizada, mas atualmente está deteriorada.

No imaginário popular, há duas versões para o nome da comunidade: uma é de que o nome surgiu porque há uma lagoa e as pedras que tem em volta lembram a corcunda de um camelo; a outra é que há muito tempo encontram ossos de camelo quando a lagoa secou. Na localidade não há um sistema de saneamento básico, fazendo do espaço da lagoa um recurso natural utilizado por todos; desde os animais que banham e bebem água; pelas pessoas que utilizam como espaço de lazer ou aquelas utilizam como espaço de trabalho lavando roupas na beira d'água, levando a água como podem para casa para abastecer seus reservatórios, utilizando a água para beber, para dar aos bichos, para aguar as plantas entre outros.

A comunidade tem cerca de 122 anos de existência, não há documentos históricos que comprovem com exatidão o ano de seu surgimento, porém os relatos dos mais velhos nos fazem crer nessa temporalidade, outro fator para a base da aproximação da data é a fundação da Capela de São Gonçalo padroeiro da comunidade, datada de 1947 tendo 74 anos. Apesar de não haver nenhum documento que nos esclareça como a comunidade surgiu, há um mito fundador (que não é tão

---

<sup>2</sup> Pequena indústria de extração e refinamento do sal marinho.



mito assim), que narra que por volta do século XX a propriedade Lagoa do Camelo foi adquirida pelo casal José Christiano de Sales (Zé de Sales) e Maria Elvira Carneiro (Dona Sinhá) que vieram morar nesse local, numa casa de fazenda e posteriormente construíram uma capela, ambas existem até os dias de hoje, inclusive Zé de Sales e Dona Sinhá são enterrados na sacristia da capela.

**Imagem 1**



**Lápide do casal mencionado no mito fundador da comunidade (2018)**

A partir da tomada de posse da propriedade pelo casal fundador e pela construção da capela é que a comunidade foi tomando forma. Deixou de ser uma propriedade particular adquirida como herança e passou a se torna uma comunidade.

Lagoa do Camelo é uma nesga de terra perdida no Piauí, nas imediações do Ceará. Lá só se visualiza terra, mato, uma lagoa e algumas casas, que muitos falam de uma infância suave e ingênua que ali floresceu na insondável beleza da vida e da natureza. (Maria Eugênia de Britto Mendonça in “O Despertar de uma Saudade”)

Aparentemente poucas coisas se modificaram até os dias de hoje, esse pedaço de terra ainda continua com sua inestimável lagoa, grandes poções de terra e sua bela natureza; porém as casas se modificaram e aumentaram, assim como seus habitantes e a maneira que ocupam os espaços, que se relacionam, que trabalham e que vivem. A comunidade dispõe de uma rodovia, mas os seus habitantes não abandonaram as estradas de areia, piçarra, nem as veredas; a vida da comunidade não se estende somente a BR-402, mas também acontece ao longo desses outros caminhos.

O modo de vida simples voltado outrora quase que exclusivamente para a agricultura, agora disputa lugar com as moageiras de sal; há ainda aqueles que não encontraram emprego dentro da comunidade e se deslocam para lugares próximos para trabalhar, tais como os municípios de Barra Grande – PI e Chaval – CE.

**Imagem 2**



**Visão panorâmica da Casa Grande (2018)**

**Imagem 3**



**A cerca construída na Lagoa controlava o acesso a água para animais e pessoas (2018)**

Na imagem 2, podemos observar a “Casa Grande” e a Capela de São Gonçalo. Sobre este espaço os moradores mais antigos reproduzem descrições que atravessaram gerações. É recorrente a descrição de um passado remoto em que à frente da propriedade ficava tomada por cabeças de gado a perder de vista. O rebanho pertencia a Zé de Sales, que dispunha de muitos vaqueiros para cuidar dos bovinos.

O controle de Zé de Sales sobre aquele espaço se estendia pelas cercanias. Próximo a *Casa Grande*, o “dono”, cercou a lagoa com estacas de madeira e arame farpado e colocou um portão que ficava o tempo todo trancado. A justificativa era para que os animais não banhassem ou bebessem água. Para ter acesso à lagoa, os outros moradores precisavam pedir sua permissão.

Atualmente o portão não existe mais e as pessoas podem usufruir da lagoa livremente, bem como os animais. A antiga fazenda se desfez, mas a Casa Grande ainda se mantém de pé e continua pertencendo a uma geração de filhos e netos dos fundadores da comunidade.

Durante minhas observações e conversas informais com os moradores pude perceber que o uso presente do espaço da lagoa ocorre de maneiras diversas. Para crianças e jovens, aquele espaço é utilizado como uma forma de lazer, já para faixa etária mais velhas a lagoa é predominantemente encarada como sendo algo que pertence ao universo do trabalho, sendo fundamental para reprodução material do seu dia a dia como podemos constatar no depoimento citado a seguir:

Minha filha assim... a água da lagoa eu uso pra tudo. Encho as vasilha daqui de casa, dou água pro meus bicho, lavo as coisa, as roupa eu lavo lá mermo, tomo banho e todo dia tem de buscar. (Dona de casa, 53 anos)

Todo dia eu venho buscar água aqui. (Agricultor, 48 anos)

Eu pego 4.000 litros de água da lagoa por semana pra usar em tudo aqui em casa, comprei caminhãozinho tanque de 2.000 mil litros, aí tem semana que eu dou duas viagens, tem semana que é só uma... a água do nosso poço é salgada e também tenho uma cisterna... aí a água pra beber e nos galãozinho mesmo. (Comerciante, 48 anos)

Como poucas pessoas tem poço em casa e a localidade não possui rede de abastecimento de água, pegar água todos os dias na lagoa para seus afazeres domésticos é um hábito que marca o cotidiano dos adultos da Comunidade Lagoa do Camelo. Somado a isso, as práticas de lazer das crianças e jovens, o espaço da lagoa é uma referência espacial muito importante na ótica dos moradores locais.

### Imagens 5,6,7 e 8



**Morador pegando água 2020**



**Lavadeiras nas pedras 2020**



**Lavadeiras da prainha do amor**



**Pneus utilizados pelas lavadeiras**

Na imagem das “lavadeiras da Prainha do Amor” observamos um dos lados da lagoa, esse lado foi denominado pelos moradores dessa forma, isso se deve aos ventos do nascente (norte) que formam pequenas ondas. Essa parte é muito utilizada para banhar e lavar roupa, os moradores colocaram algumas pedras sobre pneus de caminhão para que as mulheres pudessem lavar roupa; já do outro lado, chamado de *lado das pedras*, as mulheres lavam as roupas utilizando como apoio as pedras naturais.

Na próxima imagem, obtida em 2021, percebe-se a construção, por parte de alguns moradores, de uma estrutura com a finalidade de proteger os frequentadores

do local do sol forte durante os finais de semana quando algumas pessoas se dirigem ao local para beber e se divertir.

**Imagem 9**



**Estrutura para proteger do sol forte durante o lazer nos finais de semana (2021)**

A lagoa também é utilizada como fonte d'água e pastagem do conjunto de animais denominados pelos moradores genericamente como “criações” – cabras, porcos e vacas.

Além da lagoa, outros espaços de socialização também são frequentados e utilizados pelos moradores da Comunidade Lagoa do Camelo; as moageiras, bares, igrejas, comércios e outros. Tais espaços tem papel fundamental na sociabilidade, pois alguns deles como uma das igrejas católicas e uma das moageiras existem desde a fundação do lugarejo. Para uma melhor compreensão da lógica desses espaços podemos recorrer ao antropólogo Roberto DaMatta (1997), que ao trabalhar a casa e a rua nos direciona o olhar para a dinâmica desses locais.

Quando digo então ‘casa’ e ‘rua’ são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo, entidades morais, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas (DAMATTA, 1997, p.8).

Desse modo, os moradores não encaram suas casas e a rua, como meros espaços geográficos limitados e limitadores, mas algo passível de construção para além das paredes. A rua implica, ação, movimento, criação. O movimento das “ruas” da comunidade é diferente da movimentação das cidades, a vida se faz, desfaz e refaz

dentro de uma lógica particular. A movimentação agitada da BR com seus carros passando 24 horas por dia se mistura a movimentação pitoresca das ruas de areia, piçarra, veredas que cada morador chama de uma forma, de acordo com sua ligação com cada uma; a exemplo da “rua do Kim” fazendo referência ao ex prefeito que revitalizou a estradinha, outros moradores chamam apenas rua de calçamento.

**Imagem 10**



**BR – 402 Proximidades da Casa Grande**

Há também os que moram na BR, ou seja, aqueles que na frente de suas casas passa a BR-402, uma curiosidade é que a estrada principal da comunidade passava em frente a Capela de São Gonçalo, com a chegada do asfalto a estrada (BR-402) passa pelos fundos da igreja; os viajantes que passam por ela não veem a frente da igreja. Porém a estrada dessa maneira não muda em nada a importância e utilidade do antigo percurso, hoje utilizado para dar acesso a lagoa, a igreja e a Casa Grande.

Outro espaço social que está profundamente ligado a identidade dos moradores da comunidade é a Capela de São Gonçalo construída pelos fundadores, nas recordações que chegaram até os dias atuais ela aparece fazendo parte de vários momentos rituais da comunidade: casamentos, batizados, festas das crianças, mães, pais, natal e ano novo;

Além da Capela de São Gonçalo existem dois outros espaços religiosos construídos recentemente na comunidade: a Capela de Nossa Senhora de Fátima e

a Igreja Evangélica Assembleia de Deus; a primeira tem 11 anos de fundação e a última só existe há 8 anos. Nestes três espaços religiosos são promovidas ações, campanhas beneficentes e comemoradas as festividades locais.

#### Imagens 11, 12 e 13



**Capela São Gonçalo**



**Assembleia de Deus**



**Capela N.S de Fátima**

Meu casamento foi lá, foi até o Antônio de Pádua que fez. Meus filhos foram batizado tudim lá. (do lar, 68 anos)

A gente faz todo ano, tá com uns 5 anos isso... mais é a festa de Natal né, Natal com Cristo e de Ano Novo também, a celebração de Ano Novo sempre tem também... aí nessas épocas a gente arrecada alimento e distribui pras famílias que tão precisando mais. (Dirigente da Capela São Gonçalo, 44 anos)

No imaginário coletivo o espaço da Capela de São Gonçalo está sempre presente, afinal ela é da época da fundação da comunidade. Mesmo aqueles que não pertencem a igreja católica e nunca entraram nela, também reconhecem e sabem a importância e significado que aquele espaço traz para o lugar.

Outro espaço social importante sobre o qual orbita a vida da população da Comunidade Lagoa do Camelo são os espaços de trabalho. Além dos pequenos comércios geridos quase que exclusivamente dentro dos núcleos familiares, existem também alguns poucos empregos gerados pelo serviço público através da escola Municipal Professora Adalgisa Vieira e pelo posto de saúde local. Contudo, alguns destes funcionários públicos se deslocam de outras localidades algumas vezes por semana até a comunidade para prestar seus serviços. Muitos moradores também se dedicam a agricultura familiar e a pecuária. Tais atividades são desenvolvidas em pequenas propriedades rurais. A produção agrícola se concentra especialmente no cultivo do milho, feijão e mandioca. Já a pecuária se dedica a criação de pequenos

rebanhos de bovinos, caprinos, suínos e avicultura. Parte da produção é consumida pelos próprios agricultores e pecuaristas e a outra parte é comercializada localmente.

As moageiras são espaços de trabalho ligados a iniciativa privada. Elas remontam a fundação da comunidade e são responsáveis pela maior fonte de emprego formal e informal. Na pesquisa de campo observamos e registramos um dia de trabalho normal dos funcionários de uma das maiores moageiras – Moageira Sal Cristal. Nela trabalham cerca de 58 funcionários; entre trabalhadores formais e informais: empregando motoristas de caminhão, enchedeiras<sup>3</sup>, carregador de caminhão<sup>4</sup>, os funcionários que atuam nas salina dentre outros.

O sal proveniente das salinas<sup>5</sup> da região, tem sua produção de vários modos: **30 X 1**; um saco de 1 kg é cheio de sal refinado e é amarrado com fio de algodão, e é colocado em uma capa de plástico que cabem 30 pacotes de 1 kg, por isso são chamados de 30 X 1; **sal boiadeiro**; é o sal grosseiro que vem direto da salina, ele é embalado em um saco de polietileno de 25 kg e costurado na máquina. As moageiras têm funcionamento de 24 horas por dia, pois as carretas e bi trens chegam para carregar a todo momento; os funcionários informais ganham por produção e os demais tem Carteira de Trabalho assinada.

Imagens 14, 15 e 16



Produção de Sal refinado



Galpão de Sal processado



Enchedeira

<sup>3</sup> Mulheres que são responsáveis por encher sacos de sal de 1 kg.

<sup>4</sup> Homens responsáveis por carregar os caminhões com milheiros de sal.

<sup>5</sup> Local que tem os *qualhadores* que se assemelham a viveiros de camarão, separados em blocos, onde água do mar entra e fica lá por um determinado tempo até a água evaporar e ficar somente o sal.



O inverno tem influência direta na produção e venda do sal, pois para sua produção não se utiliza água, já que a água do mar precisa evaporar nas salinas para ficar somente o sal, se o sal for molhado conseqüentemente irá estragar, impactando assim sua venda e produção.

A moageira era do pai, agora é eu que tomo de conta, ele vem, vê os negócios, mas é eu que fico aqui direto. Todo dia a gente vende sal... o que sai mais é o 30 X 1. [...] Tem água encanada aqui na moageira mas ela vem da lagoa, aí busca água, a gente puxa na bomba e enche a caixa. O mês mais fraco é no verão né por causa das chuvas... mas agora na pandemia as carradas de sal não diminuíram muito não porque é produto de consumo e todo lugar precisa de sal. (Dono da moageira, 30 anos)

A linha de produção do sal não é tão complexa, porém é demorada e exaustiva. Tudo começa nas salinas logo cedo, de madrugada; os caminhões são cheios com o sal e são dirigidos até as moageiras, nelas o sal é armazenado no galpão onde será montado duas linhas de produção: a primeira é a produção do sal 30 X 1, o sal é moído na máquina pelos trabalhadores, os sacos de 1 kg são abertos e colocados vazios dentro das capas até encher, cada enchedeira tem sua capa, elas pegam os saquinhos 1 a 1 e enchem de sal com as *paetas*<sup>6</sup> e amarram a boca com pedaços dos novelos, em seguida os 30 saquinhos cheios são acondicionados nas capas e são armazenados para a venda.

O segundo processo se refere a produção do sal boiadeiro; esse sal pode ser armazenado refinado ou grosso do jeito que vem da salina. No processo, o sal é colocado na embalagem de 25 kg com pás de metais, quando os sacos são cheios são colocados em carros de mão e levados para o galpão para costurar sua boca na máquina.

As moageiras possuem galpões grandes, o trabalho realizado nelas é predominantemente manual realizado por homens e mulheres, é possível observar os caminhões carregados de sal trafegando dentro da comunidade quase que o dia inteiro, o que ressalta o fluxo das mesmas, algumas delas vendem o sal entre si, ou seja, quando há uma venda de uma carrada de sal, mas a moageira não possui estoque suficiente ela compra a quantidade faltante de outra moageira.

---

<sup>6</sup> Instrumento feito com cano PVC de 200 mm cortado ao meio e com cabo de madeira pregado. As *paetas* enchem os saquinhos de sal de uma única vez.

## UM LAÇO QUE NÃO PODE SER DESFEITO

Outro ponto de entrada fundamental para compreender o cotidiano na Comunidade Lagoa do Camelo são as relações familiares. Elas desempenham um papel muito importante neste espaço social, pois é através delas os indivíduos encontram o primeiro “espaço” de interação com o mundo. Assim como alhures, a instituição familiar possui seus sistemas de crenças, ideais e valores que formam a base de conhecimentos sobre sua linhagem e sobre as aspirações que seus membros devem ter em relação à diversos espaços sociais (estudos, trabalho, casamento, etc.). As funções de cada família na Comunidade Lagoa do Camelo dependem de qual lugar elas ocupam na estrutura social e de quais são suas expectativas em relação a essa instituição, no entanto a família apresenta uma função básica: a socialização. Evidentemente que existe uma idealização de um modelo de família particular (família nuclear). Entretanto, reitero que nem todos os modelos de família são hegemônicos e alcançam a mesma legitimidade na comunidade estudada.

Segundo Prado (1991), as tentativas de se elaborar estudos sobre a estrutura familiar a fragmentam e acabam por não responder a curiosidades mais amplas, assim, permanecendo o ranço do século passado na elaboração de teorias que a compreendam como um todo. Nesse sentido, podemos destacar algumas teorias defendidas com alguns autores, sendo o mais conhecido e difundido deles, Engels, (1884 apud PRADO, 1991), que acredita que a instituição do casamento e da família faz parte da sociedade vista como um organismo total. Segundo Engels, as duas instituições (casamento e família) são imbuídas de modo que qualquer mudança nelas afetaria a estrutura social. Ao longo da história jamais encontraram sociedades que não tenham experimentado alguma forma de arranjo familiar, embora a composição desta varie conforme modelo e época vivida; portanto podemos crer que é uma instituição universal. Cada tipo de configuração familiar reflete a sociedade que a engendrou, pois, a vida privada reflete-se na vida pública.

Há várias definições da palavra família, tanto nos dicionários como no sentido popular como enfatiza Prado (1991), o termo “significa pessoas aparentadas que vivem em geral na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos. Ou ainda, pessoas do mesmo sangue, ascendência, linhagem, estirpe ou admitidos por adoção”. (PRADO, 1991, p. 7). O significado pode variar de acordo com o contexto a qual está sendo empregado, bem como de quem vos fala. Uma vez que de acordo com a

natureza do indivíduo que a pronuncia, família pode referir-se ao sentido extensivo, nominal, nuclear; revelando o tipo de laço e a importância dada à relação, na medida em que se nega ou se assume um parentesco.

*Família* é um termo ambíguo, por referir-se, dependendo do contexto: 1) à família nuclear (pai, mãe e filhos); 2) à família no sentido dos que tem o mesmo sobrenome, algo como uma família-nome; 3) à família tanto incluindo os consanguíneos por lado paterno e materno, como os afins também por ambos os lados, dentro de limites flexíveis que abrangem apenas os mais próximos de cada lado (que grau de proximidade é algo que só se define em cada contexto), se aproximando da aceção de conjunto de *parentes*. (COMERFORD, 2003. p. 35).

Falar de família em qualquer ambiente é um assunto delicado em que muitas vezes pode até mesmo vir a ser problemático, pois há atualmente várias formas de famílias as quais podemos citar: a família poligâmica, institucionalizada em várias culturas; as criadas em torno de um casamento dito “de participação” que seriam uma reinvenção dos casamentos tradicionais, pois maridos e esposas têm os mesmos direitos e funções dentro do casamento/família; a família homossexual e as famílias baseadas na “união livre”.

Prado (1991), ressalta em seu livro que a família tem uma instituição intimamente ligada a ela, a religião que ao longo dos séculos vem impondo uma moral familiar a qual deve ser seguida piamente, no qual ela seria a portadora. Desse modo, no Ocidente os missionários impuseram estrategicamente o fim da poligamia, a exigência da virgindade, o casamento, entre outras ilustrações.

Contudo, conforme os argumentos apresentados pela autora a chamada “crise da família” colocou esses valores em questão. Há duas formas de crise; a primeira seria aquela ligada a revolução industrial, na qual gerou uma série de mudanças na economia, desencadeando mudanças profundas na vida social. A segunda mudança está relacionada aos países que na contemporaneidade atingiram um estágio de desenvolvimento principalmente nos setores técnicos e econômicos, o que trouxe, por exemplo, a emancipação feminina permitindo que as mulheres adentrassem no mercado de trabalho, mesmo que em condições desiguais aos homens, no entanto, essa saída do ambiente doméstico para a rua é uma mudança, principalmente psicológica e intelectual significativa. Pois, elas deram início ao abandono de modelos já ultrapassados, como por exemplo o modelo de família patriarcal.

Além da categoria família é necessário entender as redes de parentesco e consanguinidade estabelecidas na Comunidade Lagoa do Camelo. Estes laços em maior ou menor grau estabelecem uma rede de obrigações, tanto para com a família de origem no qual desempenham o papel de filho ou irmão e/ou família extensa que corresponde a um casal e as famílias conjugais de todos os seus descendentes. Prado (2010), apresenta em sua obra a noção de “redes” elaborada pela antropóloga Elisabeth Bott (1976), onde analisa as conexões familiares de cada cônjuge, onde suas redes sociais vão se misturando, formando uma rede ampliada de relações.

Nesse sentido, na Comunidade Lagoa do Camelo abordamos a família que se estende no parentesco e vai até a vizinhança, gerando uma teia de relações estreitas; pois no meio rural a tendência é que todos se conheçam e convivam. Parto do modelo de família nuclear e me estendo a outras configurações encontradas no campo. Nas sociedades contemporâneas ocidentais, podemos verificar que,

[...] o modelo arquétipo é a família conjugal tradicional, constituída pelo casal e seus filhos não emancipados, e que residem em um domicílio independente. Contudo, como já se avançou, há uma brecha clara e crescente entre este modelo e uma realidade muito mais plural, na qual uma proporção crescente de famílias não se enquadra nesse padrão. (CARVALHO & ALMEIDA, 2003, p. 111).

Ao falarmos de família patriarcal, vem as nossas mentes uma família nuclear onde pater (pai) exerce poder econômico, social, material, sobre a esposa e filhos. Essa definição não deixa de estar correta, no entanto a família patriarcal no período colonial apresentava uma configuração diferente. A família patriarcal colonial, era composta por uma estrutura extensa, que incluía o núcleo conjugal, a parentela, os agregados e um numeroso número de escravos, todos eles submetidos ao poder absoluto do patriarca. Nesse sentido, seu poder não gira só em torno de seu núcleo conjugal, mas abarca todos aqueles que estão sob seu domínio.

No Brasil, o modelo patriarcal é naturalmente legitimado e absorvido. Com o processo de modernização no início do século XX, teve início uma mudança nas estruturas, sociais, culturais e de produção, principalmente em Recife, de onde vem a mais conhecida conceituação de família patriarcal, escrita por Gilberto Freyre, sua obra Casa Grande e Senzala refere-se ao período colonial do Brasil nos séculos XVII e XIX. Os pernambucanos tradicionalistas desaprovavam essas mudanças, pois tinham receio que a adesão ao moderno traria desapareço as tradições familiares.

De acordo com Gilberto Freyre (1980), a família, não o indivíduo ou o Estado, desde o século XVI se apresenta como principal elemento colonizador do Brasil. Ainda segundo ele,

A nossa verdadeira formação social se processa de 1532 em diante, tendo a família rural ou semi-rural por unidade, quer através de gente casada vinda do reino, quer das famílias aqui constituídas pela união de colonos com mulheres caboclas ou com moças órfãs ou mesmo atoa mandadas vir de Portugal pelos padres casamenteiros. Vivo e absorvente órgão da formação social brasileira, a família colonial. (FREIRE, 1980, p. 22).

Pertencer a uma família proporcionava bem-estar as pessoas desse período, incluindo a população negra escravizada que pertencia a Casa Grande. Ser de determinada família representa um *status* para o indivíduo, pois determinadas famílias tem grande poder e influência, isso pode ser verificado até hoje, principalmente a classe média brasileira, esteja ele à margem ou seio familiar.

Contudo, é crescente o número de famílias que não se encaixam mais nesse modelo hegemônico, fazendo surgir diferentes configurações que vão ganhando legitimidade social e jurídica. Famílias monoparentais (homens e mulheres com filhos), família extensa, casais que não querem ter filhos, casais homossexuais que lutam pelo reconhecimento familiar por parte do Estado e pelo direito de adotar crianças, arranjo familiares em que a avó cria os netos da filha adolescente como seus próprios filhos tornando-se uma família, entre outras configurações.

As configurações familiares dentro da Comunidade Lagoa do Camelo foram se modificando ao decorrer do tempo. A princípio eram constituídas majoritariamente famílias extensas cujo seus membros habitavam sobre o mesmo teto, outro ponto é que as relações e construções de outros laços familiares/sanguíneos circulava dentro da própria comunidade. Nos dias atuais pude perceber ao longo das observações que essa configuração familiar se modificou, ainda é possível notar famílias extensas, no entanto em menor número. Agora é mais frequente famílias nucleares, a busca de pares não gira mais tão somente dentro da comunidade, visto que os indivíduos circulam fora dela e acabam por conhecer parceiros que não pertencem ao seu círculo comunitário local.

Além de trabalhar com os conceitos de família e redes de parentesco, também é necessário tratar do meio rural, pois ele é parte fundamental para entender as configurações familiares, visto que a Comunidade Lagoa do Camelo se encontra no meio rural. Diferentemente do meio urbano, o meio rural apresenta algumas

particularidades, essas diferenças em maior ou menor grau influenciam particularmente as relações sociais e familiares.

## DE CHÃO A DENTRO

As andanças no meio rural ocorrem de uma forma diferente da zona urbana, no *interior* todo mundo se conhece, então não há uma preocupação ou vigilância exacerbada das pessoas que por lá circulam. No entanto, sempre quando alguém novo entra em cena na Comunidade Lagoa do Camelo acaba chamando a atenção dos moradores e despertando sua curiosidade, pois quem anda no interior ou mora nele ou tem parentesco com alguém que mora, bem como destaca Comerford:

[...] “Você é parente de quem?” [...] “Ele é o que seu?” [...] Essa maneira de abordar um estranho percorrendo essas localidades rurais revela um pressuposto: a princípio, quem circula nessas localidades ou é morador do lugar ou é parente de morador do lugar. (COMERFORD, 2003, p. 30).

A maneira pela qual os moradores abordam os *estranhos* na Comunidade Lagoa do Camelo é uma forma bastante eficaz de controlar a circulação, como destacado a cima. Saber de quem eu sou parente também é uma maneira sutil de saber quem eu sou e o que fui fazer lá; na verdade quase todas as pessoas que observei e entrevistei sabiam quem eu era e a qual família pertencço, visto que meus pais trabalham há muito tempo na escola do lugar, então eu era vista socialmente quase sempre nos eventos promovidos na escola; essas “aparições” foram reduzidas com a minha saída da escola do lugar na 4<sup>o</sup> série para estudar em Chaval-CE. Esse afastamento do cenário local muito cedo fez com que meus conterrâneos me observassem como uma “estranha” visto que com a minha saída, meu espaço de socialização se limitava a minha residência e a minha nova escola, deixando apenas a igreja como meu ponto maior de sociabilidade com a comunidade.

Atualmente somente meu pai trabalha lá como secretário escolar, minha mãe não trabalha mais lá, porém ainda exerce a profissão de professora em Cajueiro da Praia. Perguntas desse gênero são naturalizadas por todos das regiões rurais, saber da vida dos de *fora* e dos de *dentro* é um movimento quase inconsciente. Essas informações servem para a construção das narrativas que circularam na comunidade.

Residir na Comunidade Lagoa do Camelo trouxe algumas vantagens: a facilidade em ir mais vezes ao campo; uma maior proximidade com as pessoas que ajudaram na construção da pesquisa, uma receptividade melhor. Investigar algo que está tão próximo, ao primeiro momento parece algo fácil, visto que a aproximação nos deixa seguros e com a impressão que sabemos tudo a respeito do que estamos investigando, no entanto, a proximidade pode se tornar vilã em alguns momentos, não deixando ver o que se coloca diante de nós ou nos fazendo negar a interpretar aquilo que o campo revela a seus moldes. Assim, paramos de admirar o exótico e estranhar o familiar; e tudo o que resta a nossa frente é o véu do senso comum.

A pesquisa em Ciências Sociais lida com seres humanos que, por inúmeras razões compartilham em algum grau uma identidade comum com o investigador, tornando-os solidariamente comprometidos, como lembra Lévi-Strauss (1975): "Numa ciência, onde o observador é da mesma natureza que o objeto, o observador, ele mesmo, é uma parte de sua observação" (p. 215). Nesse sentido, fazer parte da comunidade observada em dado momento atrapalha a investigação pelo fato de, ao adentrarmos no campo conseqüentemente mudamos sua estrutura, pois seremos um elemento diferente que os fará agir de outra maneira via de regra.

Roberto Cardoso de Oliveira (2006), nos chama a atenção para a construção do olhar, ouvir e escrever; essas percepções cognitivas do fazer etnográfico devem ser encaradas como fundamentais para uma boa construção etnográfica. O olhar treinado nos proporciona ver a realidade estudada desprendida do senso comum e sem preconceitos. O ouvir é complementar ao olhar e possui igual equivalência, assim como ele também deve ser submetido a um treinamento, através dele o pesquisador obtém as informações que o olhar não consegue abarcar. O escrever refere-se ao diário de campo, rabiscos a notações em geral que em um segundo momento serão filtrados no "gabinete" iniciando a textualização propriamente dita.

A reflexão sobre a relação entre o antropólogo e coautores observados realizada por Comerford (2003); Lévi-Strauss (1975), Roberto Damatta (1997) e Roberto Cardoso de Oliveira (2006), foram fundamentais para me situar antropologicamente na Comunidade Lagoa do Camelo.

## **NA SAÚDE E NA DOENÇA: ALGUNS APONTAMENTOS FINAIS SOBRE ETNOGRAFIA NA COMUNIDADE LAGOA DO CAMELO EM TEMPOS DE PANDEMIA**

O Ministério da Saúde confirmou o primeiro caso de Covid-19 no Brasil em 26 de Fevereiro de 2020, o contaminado pelo coronavírus<sup>7</sup> se tratava de um homem de 61 anos da cidade de São Paulo com histórico de viagem para a região da Lombardia, cidade da Itália que enfrentava um grande surto da doença. Após a confirmação do primeiro caso, o ex-ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta afirmou que já era previsto a circulação do coronavírus no país. Em meio a esse cenário de incertezas, a única certeza é que saúde apareceu como tema central das conversas em geral na Comunidade Lagoa do Camelo.

**Imagem 17**



**Unidade Básica de Saúde Osvaldo Sales dos Santos**

Neste sentido, a comunidade voltou suas atenções para o espaço da Unidade Básica de Saúde – UBS inaugurada em 2017. Anteriormente a existência da UBS os atendimentos médicos eram feitos apenas uma vez por mês na creche, sendo oferecido apenas consultas de rotina, já que não havia um local adequado para tal. Caso fosse necessário fazer um exame ou procedimento médico era necessário se deslocar para as cidades próximas, Chaval ou Parnaíba.

A UBS é bem equipada, possui: farmácia, salas de consulta, sala de vacinação, copa para os funcionários, recepção, banheiros. Ela atende mais duas

---

<sup>7</sup> Chamado de SARS-CoV-2 é o causador da Covid-19. A doença infecciosa é transmissível quase que exclusivamente pelo ar de pessoa para pessoa, o que gera um alerta para a sua propagação. A taxa de propagação de uma doença é mensurada pelo número de básico de reprodução, ou seja, a média de casos secundários que foram gerados por casos primários. Outro ponto relevante diz respeito a sua taxa de mortalidade, que no início da pandemia estava em sua imensa maioria ligada a idosos e pacientes com comorbidades pré-existentes.



comunidades próximas, os atendimentos são regulares, 3 vezes por semana tem médico atendendo; além da técnica de enfermagem que trabalha todos os dias junto as ACS, enfermeira, recepcionista e zeladora.

Durante a pandemia a unidade básica se tornou um espaço essencial no combate e prevenção ao vírus. Ter um espaço direcionado para a saúde comunitária foi muito relevante para o bem-estar local, visto que o atendimento de saúde pública na região é precário. Cabe ressaltar que com a pandemia o número de procura por atendimentos aumentou na comunidade. Durante as entrevistas as ACS foram questionadas se elas perceberam alguma mudança na comunidade com a chegada da pandemia. Os primeiros casos de Covid-19 na Comunidade Lagoa do Camelo surgiram em maio de 2020, na época 15 pessoas foram infectadas, mas tiveram recuperação total.

Teve uma mudança principalmente no começo, o pessoal ficou muito amedrontado, passaram a usar máscara, mas como tudo tem suas exceções, tem gente que não usa de jeito nenhum, gente que não respeita. Respeitaram os decretos só por um certo tempo... ficaram em casa, as igrejas foram fechadas... quando vão no posto, tentam evitar o máximo que podem a aglomeração. Mas volto a dizer que tem as exceções, muitos não estão nenhum pouco preocupados. (ACS, 30 anos)

É notável que as mudanças no espaço social da comunidade foram mais perceptíveis no início da pandemia. Com a extensão da pandemia ao longo de 2020 e 2021 pude observar nas minhas andanças que pouquíssimas pessoas continuaram utilizando máscara ou medidas de distanciamento em seu dia a dia quando saiam de suas residências, salvo nas igrejas e na UBS. O aparente isolamento físico desta pequena comunidade rural contribuiu para uma falsa sensação de segurança entre a população local.

Quanto a vacinação na zona rural, a Secretaria de Saúde municipal decidiu recorrer a vacinação em domicílio, visto que nas zonas rurais nem todas as pessoas tem transporte, o que dificulta a locomoção. A vacinação aplicada em domicílio, principalmente na população idosa, minimizou os riscos, na medida em que as pessoas não precisam se expor ao vírus ao sair de suas residências.

Assim... no começo as vacinas estavam sendo nas residências, agora como já são pessoas mais jovens... essa semana foi a faixa etária de 24 e 25 anos, o agente de saúde avisa a pessoa, porque temos o controle de quantas pessoas tem na comunidade com essa faixa etária. Então o agente de saúde

avisa as pessoas daquela faixa etária e eles vão normalmente pra UBS no dia da vacina. Antes como eram idosos, pessoas que tinham alguma deficiência, aí a vacinação estava sendo nas casas para não haver uma maior exposição dessas pessoas, mas em casos especiais a gente vai nas residências, também agora na segunda dose estamos indo nas casas. (ACS, 52 anos).

Talvez por negligência dos moradores locais as interações cotidianas não foram profundamente afetadas com o avanço da pandemia de Covid-19. No geral a vacinação transcorreu bem, não houve por parte da população quase nenhuma recusa em tomar a vacina, somente no começo das aplicações é que alguns ficaram receosos. Contudo, nenhuma pessoa da comunidade faleceu por Covid-19.

Por outro lado, o desenvolvimento da presente pesquisa em tempos de pandemia teve que ser bruscamente alterado e revisto. O foco original era realizar *in loco* uma análise a partir da pesquisa etnográfica sobre os espaços do cotidiano da Comunidade Lagoa do Camelo através da observação participante. Este objetivo só pode ser parcialmente realizado já que realizamos algumas incursões em campo antes da deflagração da pandemia. Diante deste cenário, optamos por compreender a construção das vivências familiares e das relações cotidianas através de observação indireta, uso de fotografias e revisão bibliográfica.

Desta forma, a primeira categoria abordada foi a compreensão da lógica da casa e da rua abordada por Roberto Damatta (1997), no qual pude ser desenvolvido o aspecto principalmente da rua, um ambiente imagético fértil. A bibliografia também foi enriquecida por Prado (1991), que aborda em suas discussões os engendramentos da família. Outro autor que se mostrou crucial para a pesquisa foi Comerford (2003) que ao trabalhar o meio rural proporcionou uma maior compreensão de sua lógica e de como as questões da rede proteção comunitária funcionam.

Também Roberto Cardoso de Oliveira (2006) teve uma grande contribuição no meu trabalho, pois ao abordar o familiar, me serviu como base para algumas análises, visto que ser do local onde se está estudando exige um rigor e desprendimento da ligação pessoal que se tem sobre aquele espaço.

O mais rico desse artigo foi que pude perceber como a população local se apropria e atribui sentidos aos espaços sociais mais significativos no cotidiano da minha comunidade, tudo isso colhido a partir de entrevistas, observações diretas e indiretas e fotografias e muita criatividade para superar os limites físicos e psicológicos impostos pela responsabilidade em manter o isolamento social.

Pude notar que alguns espaços sociais tais como, a lagoa, os espaços familiares, os espaços de trabalho nas moageiras, os espaços religiosos são o ponto central para onde convergem as práticas cotidianas da comunidade. Evidentemente que nem todos esses espaços são apropriados da mesma forma por todos os indivíduos da Comunidade Lagoa do Camelo. Apesar de ter uma população diminuta localizada em uma zona rural, constatamos que existe muita heterogeneidade no interior da comunidade e na forma com que essa população se apropria dos espaços sociais.

Gostaria de dizer finalizar o artigo informando que ao término deste trabalho não havia nenhum caso de Covid-19 ativo na Comunidade Lagoa do Camelo, como também ao longo desses 2 anos de pandemia nenhuma vida da comunidade foi perdida para o vírus.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COMERFORD, Jhon Cunha. *Como uma família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural*. Rio de Janeiro: RelumeDumará: Núcleo de Antropologia da Política/ UFRJ, 2003.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FREIRE, Gilberto. Características gerais da colonização portuguesa no Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida. In: *Casa grande & senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980. pp. 04-87.

JOSÉ NETO, Adrião. *Lagoa do Camelo – Navegando nas Lembranças*. 2º ed. Vitória: Gráfica e Editora GSA, 2017.

LÉVY-STRAUSS, C. "Aula Inaugural". In: Alba Zaluar (org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975, p. 211-244.

MALINOWSKI, Bronislaw Kaspar. *Argonautas no Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

PRADO, Antônia Ieda de Souza. *A "luta da casa", arranjos econômicos e redes de proteção em famílias pobres urbanas*. Fortaleza: Tese de doutorado em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, 2010.

PRADO, Danda. *O que é família*. 12º ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

SAMAIN, Etienne. "Ver" e "dizer" na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 23-60, jul./set. 1995.